

presário moçambicano e agente de Salazar, estabeleceu-se uma rota alternativa, via África do Sul e Lourenço Marques, de modo a continuar o abastecimento à Rodésia. Simultaneamente, foi ordenado ao “Ionna V” (o navio que ocupou o lugar central nesta questão) que se afastasse do porto da Beira, criando uma sensação de vitória do lado inglês.

A manobra discreta concertada entre Portugal e a África do Sul, havia conseguido ludibriar as sanções decretadas por Londres. À Rodésia, nunca faltaria o combustível indispensável para assegurar o consumo normal.

Ken Flower sairia claramente agastado com o desenvolvimento desta questão, ao lamentar-se pelo facto de Ian Smith ter dado mais crédito aos conselhos de Jorge Jardim, do que aos do chefe do seu serviço de informações.

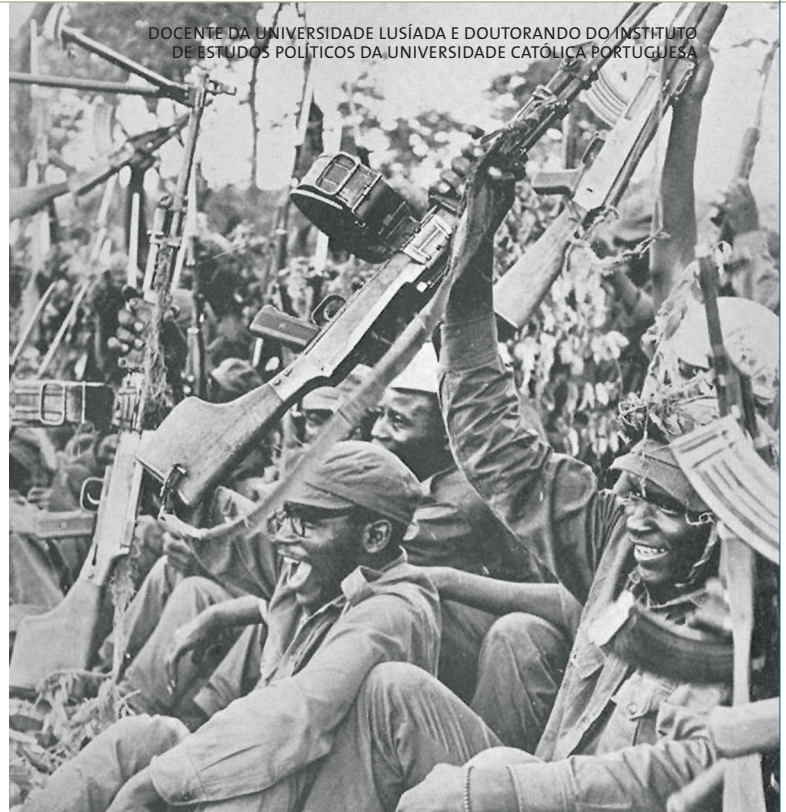
Paralelamente à tensão com o Reino Unido, a Rodésia enfrentava a ameaça proveniente do nacionalismo africano, o que colocava o país perante dificuldades já sentidas nas colónias portuguesas. Entre estas, interessava sobretudo o caso moçambicano, devido à extensa fronteira partilhada com a Rodésia. As afinidades entre o movimento opositor às autoridades portuguesas em Moçambique – Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) –, e os grupos nacionalistas rodesianos, eram conhecidas. Estes últimos, operavam, sobretudo, a partir da zona de Tete.

No início da década de 70, os rodesianos assistiam com cepticismo ao evoluir da guerra em Moçambique. Ken Flower assumia abertamente as críticas ao dispositivo militar português, que, inclusivamente, foram apresentadas a Marcello Caetano.

Numa visita a Portugal, em Setembro de 1971, o chefe do CIO encontrou-se com o Presidente do Conselho, no Palácio de Queluz. Aí, disse-lhe que era necessária uma maior aproximação às populações locais e atribuir-se mais responsabilidades às forças policiais. O alvo central do respectivo argumento era a estratégia seguida pelo General Kaúlza de Arriaga, Comandante-Chefe das Forças Armadas, em território moçambicano.

Uma orientação semelhante foi seguida por Ian Smith, num encontro com Caetano, um ano mais tarde. Embora aqui, o problema tenha sido colocado, de um modo mais diplomático, ao nível das alterações que permitissem as condições para a continuidade da presença portuguesa em Moçambique. Por outras palavras, existia a percepção clara de que seria muito difícil aos rodesianos conservar o “status quo” político, sem os portugueses no outro lado da fronteira. Adivinhava-se um futuro intranquilo para o regime de Ian Smith, que Flower sintetizou do seguinte modo: “From a winning position between 1964 and 1972, Rhodesian Forces were entering the stage of the “no-win” war, which lasted from December 1972 to 1976; after that, they were fighting a losing war”. Pressentiam-se novos tempos, que não tardariam a chegar. A situação interna tinha obrigado, desde 1976, o governo a dialogar com os líderes nacionalistas. A questão crucial colocava-se em torno da regra da maioria. Aceitar esta orientação iria conduzir ao

Paralelamente à tensão com o Reino Unido, a Rodésia enfrentava a ameaça proveniente do nacionalismo africano



DOCENTE DA UNIVERSIDADE LUSÍADA E DOUTORANDO DO INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

fim do domínio branco na Rodésia. Daí, Smith ter optado por protelar a questão, incluindo alguns negros no governo; medida, que não teve o alcance esperado, uma vez que não satisfizesse inteiramente as expectativas de qualquer sector.

Entretanto, o evoluir da guerra ia provocando um desgaste evidente no executivo rodesiano.

Perante o agravamento da situação interna e a pressão da comunidade internacional, é concluído um acordo com a oposição (em 3 de Março de 1978), que conduziu, após um período transitório, à realização de eleições, em Abril de 1979. Estas registaram a vitória do Bispo Abel Muzorewa, que substituiu Ian Smith no cargo de Primeiro-Ministro, no mês seguinte.

Mas a liderança de Muzorewa não conseguiu pacificar a sociedade rodesiana. Os britânicos foram, assim, chamados a patrocinar um novo acordo, que surgiu na sequência de longas e difíceis negociações, em “Lancaster House”, no final desse ano.

Apesar da existência de um clima de grande instabilidade política e da ostentação de rivalidades no âmbito militar, efectuaram-se eleições, que culminaram com a vitória de Robert Mugabe. Os resultados foram anunciados em 4 de Março de 1980.

Cerca de um mês mais tarde, o território alcançaria, finalmente, a independência, sob a designação de Zimbabwe.

Numa das primeiras visitas oficiais ao novo país, Robert Mugabe recebeu Julius Nyerere. No decurso de uma conversa, este afirmou num tom que haveria de ser profético: “você herdou uma jóia em África, não a ensombre”. Infelizmente, Mugabe há muito que esqueceu as palavras do antigo presidente da Tanzânia.

O rico conjunto de factos mencionados e o tom descontraído, senão ousado em certos casos, confere a “Serving Secretly” um continuado interesse e actualidade, que talvez seja o maior elogio que se pode fazer a uma obra publicada, em 1987. Não restam dúvidas de que Ken Flower soube escrever para a posteridade. ●

¹ Ken Flower, *Serving Secretly: An intelligence chief on record: Rhodesia into Zimbabwe, 1964 to 1981*, Harare, John Murray, p. 35.